

José Carlos Martins: “sou um gajo determinado, muito determinado”

30 Novembro, 2020



Adjetiva-se “um gajo honesto e determinado”, com 30 anos de sindicalismo e uma vida guiada pela luta individual e coletiva contra as injustiças e a discriminação..

Nascido numa aldeia perto de Coimbra, José Carlos Martins faria hoje 33 anos ao serviço do IPO de Coimbra, se a vida, a educação e a história não tivessem incentivado nele o espírito reivindicativo - em nome de todos.

Nesta entrevista, o traço mais próximo e íntimo do presidente do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.

Se não estivesse a trabalhar no sindicato o que estarias a fazer?

Neste momento, estaria no serviço do IPO de Coimbra. Atendendo a que tenho 33 anos de curso, já teria feito a especialidade e, possivelmente, como boa parte dos meus colegas de curso, seria enfermeiro-chefe.

Como imaginas que seriam os dias bons, nessa circunstância?

Os dias bons teriam os turnos ritmados, isto é, entrar às 8h, fazer o turno até às 16h30-17h, e depois não ter mais preocupações a partir do momento em que saísse do serviço, o que não acontece com o sindicato.

Portanto, teria uma vida muito mais estável em que as preocupações de âmbito profissional estariam cingidas ao horário de trabalho normal.

E em relação aos teus pacientes, o que seria um dia bom?

Seria um dia em que não falecesse ninguém e em que conseguíssemos diminuir notavelmente o sofrimento dos internados, cuidar bem das pessoas, termos material em número suficiente, isso seria um dia excelente. Cuidar bem das pessoas, que é para o que fomos treinados como sabemos e queremos fazer.

E, por oposição, um dia mau seria como?

Seria um dia com poucos enfermeiros, em que teríamos muita dificuldade em cuidar das pessoas como sabemos e gostamos e, nesse aspeto, haverá muitos dias maus para os enfermeiros.

Achas que isso teria consequências no sentido de começares a desligar para poderes lidar com a frustração, ou como achas que lidarias com um dia mau?

Acho que a certa altura há uma resiliência em relação às condições adversas dos últimos anos e uma certa aceitação como se fosse um quadro de normalidade. Esse quadro de dificuldade passou a ser o quadro de normalidade, até para as pessoas conseguirem viver e trabalhar nesse ambiente, se não seria um drama diário.

Por isso, em bom rigor, no atual contexto de há vários anos, perante estas dificuldades, um dia mau, neste momento, seria quase um dia normal.





Quando não estás a representar o sindicato, o que é que gostas de fazer?

Primeiro, tenho um hobby que só faço aos fins de semana, quando não estou em serviço ao sindicato. Faço agricultura sintrópica, que é plantar floresta e semear no meio de floresta. Em bom rigor, é transformar florestas em florestas comestíveis. Ou seja, ter brócolos no meio de eucaliptos, ter couve-flor e pimentos no meio da floresta, é esse o meu hobby há cinco anos.

É um corte radical com a agricultura tradicional. Nada de agrotóxicos, nem adubos, nem outros produtos biológicos para dizimar as pragas porque, tal como o pinhal, não tem pragas. Sobrevivem 30 espécies todas juntas sem ser regadas. Este é o desafio de há uns 5-6 anos.

E como surgiu este hobby na tua vida?

Temos terreno e uma história de produzir coisas para casa. Por isso, a questão era: como é que me mantinha a produzir coisas para casa, batatas, cebolas, alhos, alface... estando em Lisboa? Comecei, há cerca de 8 anos, a perceber como era o microssistema do pinhal. Hoje já há uma grande disseminação; vim a aperceber-me que no Brasil também havia um indivíduo que fazia isso e hoje em Portugal já há uns 30 ou 40 incluindo uma associação.

Mas o ponto central foi: como é que eu, a esta distância, conseguia ter bens alimentares? E tenho agora uma tripla vantagem: sem muito trabalho, sem agrotóxicos e dá muito mais e coisas melhores. E planta-se tudo o que se possa imaginar, sobretudo legumes. Um dos elementos essenciais é misturar tudo, ao contrário da agricultura tradicional.

Depois, gosto daquilo que as pessoas normais gostam: ver televisão, ler.

Leio, essencialmente, livros de história, história dos impérios, história dos povos, história dos países. Ajuda muito para a atividade, compreender a história das estruturas e conjunturas, dos fatores que intervêm, a gestão tática de processos, a gestão política, estratégica. No lazer, retiram-se elementos relevantes para a atividade, para a gestão de processos.

Os teus filhos também são enfermeiros?

O meu filho está em enfermagem, no terceiro ano. A minha filha está noutra coisa completamente diferente, em ciência política e relações internacionais.

Era inevitável, essa herança?

Por acaso, não. Até porque o meu filho nunca referiu que gostava de ser enfermeiro. Foi pensando noutras áreas e, no final do 12º ano, na altura das candidaturas, escolheu a enfermagem sem nos dizer nada. Chegou e disse-nos: “Entrei em enfermagem!” E nós, os pais, ficámos surpreendidos, mas dissemos: “Fixe, boa!” Está a correr bem, ele está a gostar.

Ela entrou este ano no ISCTE. Portanto, ele mais ligado à gestão das pessoas – e ele vai ser bom enfermeiro, é bom comunicador, é muito assertivo, muito sensato, muito calmo e muito sereno, e gosta de conversar com as pessoas idosas das aldeias, por isso ficará bem nos Cuidados Continuados... isto diz o pai do filho (risos). Ela mais ligada à política.

Discute-se política e saúde à hora ao jantar?

Sim, sim.

E é bom ter essa perspetiva da geração mais nova?

É, porque nos ajuda muitas vezes a desconstruir alguns quadros e a perceber questões de comunicação, perceber como é que o nosso discurso, altamente formatado, o nosso léxico muito próprio, como é que isso pode não ser compreensível. É um feedback muito bom.



Voltando um pouco atrás: será que nos podias dizer o que te levou a ser enfermeiro, qual a motivação? Quando decidiste?

A minha opção ficou muito clara a partir do 9º ano. Foi nessa altura que optei pela área das Ciências e da Saúde e trilhei essa área até ao 11º ano.

E porque é que eu optei? Porque na altura, tinha vários elementos na família que eram enfermeiros, três primos e outras pessoas conhecidas, e tinha a noção que era um curso médio, de curta duração e grande empregabilidade. Isso foi o que determinou a decisão. Por outro lado, falava bem com as pessoas, gostava de cuidar das pessoas; mas não foi, exatamente, uma decisão por vocação.

E o que te levou a optar pelo sindicalismo?

Lutar por todos e não só lutar diariamente no serviço de enfermagem, que também tem a sua luta inerente. Eu acho que isso tem muito a ver com os princípios provenientes da educação familiar, nomeadamente o valor da justiça, esta coisa de lidar profundamente mal com as injustiças, com as discriminações.

Já no liceu, andei envolvido no associativismo estudantil. Depois de chegar à formação em enfermagem, à escola de enfermagem, ajudei a fundar, na década de 80, a associação de estudantes de lá e a organizar reuniões de

estudantes em escolas de enfermagem no centro e no norte. Como já era muito reivindicativo e muito organizado, e com o contacto com esses meus colegas, ajudei a germinar muitas associações de estudantes naquelas zonas. E é por essa via que eu depois chego ao sindicato.

Quando passo a exercer a profissão, estava há três ou quatro meses a trabalhar, surgiu a questão da avaliação do desempenho. Nós, na altura, também éramos precários, isto em 86-87, designados como tarefeiros, ou seja, não tínhamos um contrato, era a precariedade existente à data, não tínhamos férias, não tínhamos subsídio de refeição. E, por outro lado, não podíamos participar na eleição para a Comissão de Avaliação do Desempenho, que era uma comissão paritária.

Então, associei-me a um grupo de colegas para duas coisas: por um lado para, na instituição, podermos discutir a situação dos enfermeiros, as férias e o subsídio de refeição e, depois, a dinamizar uma lista com colegas funcionários para a comissão paritária da avaliação do desempenho. Com isto, comecei a ser conhecido, por ser mais novo, jovem, dinâmico, e foi daí que emergiu a entrada no sindicalismo.

Achaste, então, que seria mais aliciante fazer a luta através de um sindicato do que internamente?

É uma boa questão. Eu tinha a noção, já naquela altura, que os sindicatos tinham uma capacidade de associação capazes de contribuir para fazer esses debates, por igualdade e justiça com o coletivo. E tinha a noção que as transformações e as mudanças – claro que há sempre mudanças locais, ao nível do micro, muito importantes – mas que as mudanças mais relevantes passam sempre por movimentos coletivos e que esses, sim, é que transformam, desde que a ação seja organizada e estruturada, com objetivos claros e focada numa agenda e num plano, isso sim muda realidades objetivas. Isto na altura não era assim tão claro, mas hoje é claríssimo como água e os factos comprovam-no.

A influência dos princípios familiares vem de algum tipo de relação da família com a política ou foi ao nível dos valores transmitidos?

A minha família tinha alguma ligação à política, mas muito pouco.

O meu pai nunca foi militante, mas era conotado como sendo comunista e recebia o Avante, isto ainda no tempo da ditadura. Ele trabalhava como calceteiro, para um patrão, a fazer estradas e passava muito tempo fora – só vinha a casa aos fins de semana e, a certa altura, teve de andar meses fora de casa.

Havia um comerciante, denunciante da PIDE, que o identificou por ler o Avante e ser contra a guerra colonial, isto em finais dos anos 60. O meu pai tinha dois filhos homens e uma filha e esse era o grande drama da altura e tema de conversa, quando se juntavam, também do meu pai. Após a denúncia, passou a integrar a chamada Lista Negra contra o regime e por isso teve de emigrar para França. Isto, o maior distanciamento do meu pai, aconteceu entre os meus 5 e 10 anos e eu fui-me apercebendo destas coisas.

Em 1971, o meu pai veio a Portugal, já legalizado, buscar a minha mãe e a minha irmã e fiquei cá eu e o meu irmão, um em casa de uma avó e o outro com uma tia. Com o 25 de abril, como não se sabia ainda como ficaria o país, ele veio buscar-nos e fomos para França, em junho de 1974, nas férias da escola primária. Depois de regressarmos, ele ainda continuou a ir a França com alguma regularidade, durante uns 5-6 anos, e depois voltou definitivamente.

Mais tarde, na adolescência, também conheci jovens que integravam juventudes partidárias, movimentos políticos, eu próprio cheguei a integrar a Juventude Comunista Portuguesa, o Partido Comunista, e depois saí.

E posso admitir que a história familiar, estes princípios e o que me fui apercebendo me tenha influenciado nesta questão dos valores, da justiça e da igualdade.



Em setembro de 2017, vimos-te emocionado numa reunião nacional extraordinária. O que te passou pela cabeça nesse momento?

Isso ocorreu num quadro em que tínhamos uma onda de enfermeiros a atacar o SEP, a atacar uma coisa que eu e outros ajudámos a criar. E, para mais, percebia que não tínhamos sido capazes de evitar que os enfermeiros fossem atrás de bandeiras populistas e demagógicas e empurrados para processos que não iriam ter um bom desenlace. E isto, a mim e a outros dirigentes, perturbou-me um bocado.

É atacar o trabalho de uma vida inteira, que ajudámos a organizar e a criar, primeiro no meu percurso individual e depois no SEP.

E, mesmo nessa altura, já estava ciente do desenlace que isto iria ter porque os movimentos inorgânicos sem objetivos claros, sem plano, sem agenda e num processo assente em radicalismos nunca dá transformações positivas. Isto é o que a história nos diz e é o que era expectável na enfermagem, assim como aconteceu com os motoristas, com os estivadores e etc. E como aconteceu no Norte de África.

Como te descreverias em três palavras?

Um gajo honesto, trabalhador e empenhado. E determinado, muito determinado.

Estamos a falar de quantos anos de ti no SEP?

Entrei em setembro de 1990, portanto, 30 anos.

[ACEDER À EDIÇÃO COMPLETA DA ENFERMAGEM EM FOCO](#)